

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, JORNALISMO E SERVIÇO SOCIAL
CURSO DE JORNALISMO

ANA CAROLINA VIEIRA DO AMARAL
HARIANE SANTOS ALVES

UMA NUVEM SE APROXIMA DA JANELA

Mariana - MG
2018

ANA CAROLINA VIEIRA DO AMARAL
HARIANE SANTOS ALVES

UMA NUVEM SE APROXIMA DA JANELA

Memorial de produto jornalístico apresentado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Karina Barbosa

Mariana - MG
2018

Catálogo na fonte elaborada pelo bibliotecário: Essevalter de Sousa - CRB6a. 1407

A485n Amaral, Ana Carolina Vieira do
Uma Nuvem se Aproxima da Janela [recurso eletrônico]
/ Ana Carolina Vieira do Amaral e Hariane Santos Alves.-Mariana,
MG, 2018.
1 CD-ROM; 4 3/4 pol.

TCC (graduação em Jornalismo) - Universidade Federal
de Ouro Preto, Mariana, 2018

1. Memória - Aspectos sociais - Bento Rodrigues (Mariana,
MG) - Teses. 2. MEM. 3. Jornalismo - Aspectos sociais
- Aspectos morais e éticos - Teses. 4. Monografia.
5. Barragem - Bento Rodrigues (Mariana, MG) - Teses.
6. Família - Aspectos sociais - Bento Rodrigues (Mariana,
MG) - Teses. I.Alves, Hariane Santos. II.Barbosa,
Karina Gomes. III.Universidade Federal de Ouro Preto
- Instituto de Ciências Sociais Aplicadas - Departamento
de Ciências Sociais, Jornalismo e Serviço Social.
IV. Título.

CDU: Ed. 2007 -- 338.4(815.1)
: 15
: 1419918

Ana Carolina Vieira do Amaral

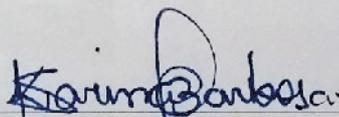
Hariane Santos Alves

Curso de Jornalismo – UFOP

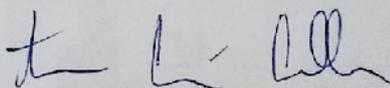
UMA NUVEM SE APROXIMA DA JANELA

Trabalho apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas (ICSA) da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob orientação da Profa. Dra. Karina Gomes Barbosa.

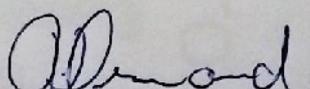
Banca Examinadora:



Profa. Dra. Karina Gomes Barbosa



Prof. Me. André Luís Carvalho



Prof. Me. Rafael Fonseca Drumond

Mariana, 23 de fevereiro de 2018.

À Maria, Maria, Matheus, Cíntia, Wemerson e André que abriram seus corações e nos permitiram estar em sua família e contar esta história.

À Egênia, Antônio, Agnaldo, Vilma, Rosilene, Anestor, Conceição, Celis, Luís e Thaís, por terem nos permitido adentrar em suas vidas, fazer parte da mesa do café, da prosa de horas, das lembranças do passado e dos desejos pelo recomeço.

À Paula Alves, Marta Maia, Rayana Almeida, Luísa Campo, Janaína Oliveira, Mariana Borba, Jilnete Silva, Zenilda Vieira, Heberth Luiz, Ana Clara vieira, Rafael Drumond, André Carvalho, Nilson Brasil (in memoriam), Rhannah Brasil.

À nossa orientadora e mestre de vida e profissão, Karina Gomes Barbosa. Obrigada pelo olhar tão diferente e certo, pelos encontros e palavras e por acreditar em nós em um momento que chegamos a duvidar.

05 de Novembro de 2015, houve um estrondo e o som ecoou mundo afora, carregando consigo a soma de vários delitos de uma tragédia anunciada.

Rompeu-se mais uma barreira da irresponsabilidade, deixando escapar de si a MORTE.

O Senhor Bento Rodrigues trazia em seu ventre vários filhos. Acometido de um mal súbito, entrou em trabalho de parto, partindo deste mundo logo após ter abortado todos filhos seus.

E para aumentar a tristeza e o trauma de um pai, viu muito dos filhos nascendo para a morte, outros, morrendo para a vida.

Bento, pai velho e cansado, vive hoje no mundo das lembranças, atrás dos olhos da gente.

Mas este mau não contente, desce o vale e ganha o rio. Ganha, não! Toma! E faz dele seu caminho. Galopando como um gigante, vai levando tudo à sua frente: ponte, gente, gado, casa.

Pinta de marrom os verdes das margens, destrói Gama e Paracatu de Cima, separa os arraiais, afugenta-se seu povo e chega em Paracatu de Baixo, já deserto de sonhos e com a esperança parda.

Sem gente, sem ponte!

Mistura sua lama às lágrimas deixadas na praça [...].

Composição de Sérgio Papagaio - morador de Barra Longa há 48 anos - em 15 de novembro de 2015

RESUMO

Este memorial consiste em reflexões bibliográficas acerca da elaboração do livro-reportagem *Uma Nuvem se Aproxima da Janela* - produto de trabalho para a conclusão de curso de bacharel em jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). O livro aqui apresentado é composto dos encontros realizados durante dois anos com a família Gonçalves e Pereira a partir do rompimento da barragem de Fundão - a maior tragédia socioambiental do Brasil -, da mineradora Samarco e das acionista Vale e BHP Billiton (anglo-australiana) e abarca, através do relato oral e da construção de um registro histórico, as memórias da comunidade de Bento Rodrigues. Este memorial justifica-se então na contextualização do processo de desenvolvimento do livro-reportagem a partir dos conceitos de memória, trauma, acontecimento, comunidade e fotografia, e da construção editorial e gráfica do produto. Para além do referencial teórico, buscamos evidenciar, através de um diário de bordo, como ocorreram os encontros com os personagens.

Palavras Chave: Trauma; Memória; Samarco; livro-reportagem; jornalismo humanizado; relato oral.

ABSTRACT

This memorial consists in bibliographical reflexions through the book's elaboration – repórter "Uma Nuvem se aproxima da Janela" - product os a bachelor's degree monography in Journalism from the Federal University of Ouro Preto (UFOP). The book here presented is composed by the meetings gathered for two years from the rupture of the Fundão dam - the greatest socio-environmental tragedy in Brazil - from Samarco Mining Company and embraces through the oral narrative and the construction of a historical register the memories from the Bento Rodrigues community. This memorial is then justified in the contextualization of the development process of the book report since the memory concept, trauma, event, community and photography and the graphic project construction. Beyond the theoretical framework, we seek to point, through a journal, how the meetings occurred with the characters.

Key words: trauma and memory; Samarco; book report; humanized journalism; oral narrative.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Vista panorâmica de Bento Rodrigues. Disponível no Google Earth.....	11
Figura 2: Vista panorâmica de Bento Rodrigues. Disponível no Google Earth.....	11
Figura 3: Capa - “Dentro da Lama.....	14
Figura 4: Contracapa - “Fora da La	14
Figura 5: Capa.....	15
Figura 6: Reportagem especial.....	15
Figura 7: Sumário.....	15

SUMÁRIO

1. PRÓLOGO.....	10
1.1 UM ANO DEPOIS.....	14
2. REFLEXÃO CONCEITUAL.....	17
2.1 ACONTECIMENTO.....	17
2.2 TRAUMA.....	18
2.3 MEMÓRIA E FOTOGRAFIA.....	20
2.4 LIVRO REPORTAGEM.....	21
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	22
3.1 OS PERSONAGENS.....	24
3.1.1 DESCRIÇÃO DOS PERSONAGENS.....	25
3.2 ESTRUTURA DO LIVRO-REPORTAGEM.....	27
3.3 PROJETO GRÁFICO.....	27
4. DIÁRIO DE BORDO.....	29
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	41

1. PRÓLOGO

No dia 05 de novembro de 2015, por volta das 14h, funcionários da área do meio ambiente da Samarco sentiram tremores no prédio¹. Uma das analistas de qualidade, que prefere não ser identificada, nos enviou mensagens falando que o prédio seria evacuado. Por volta das 15h30, recebemos áudios com gritaria, tumulto, e uma voz ao fundo falando que as barragens² romperam³ e que máquinas, carros e mais de 100 pessoas haviam sido levadas pela lama. Depois desse áudio, perdemos contato com a funcionária até às 18 horas.

A barragem de Fundão (rejeito) rompeu, encobrindo a barragem de Santarém⁴ (água), chegando a Bento Rodrigues - localizado a 35km de Mariana.

Por volta das 20h, Mariana foi tomada pelo caos. Equipes de reportagens, corpo de bombeiros, polícia, carros de resgate, helicópteros, ambulâncias, passaram a movimentar a cidade. Nos ônibus, nas praças, nas ruas, pessoas falavam ao telefone o tempo inteiro, algumas buscando notícias de familiares e amigos que moravam em Bento Rodrigues ou que trabalhavam na Samarco, outras, informando as pessoas que a lama ainda não chegara à Mariana. Um transtorno alimentado pelo medo do desconhecido.

¹ Os tremores sentidos foram causados pelo impacto do rompimento da barragem de Fundão. Segundo informações de funcionários do setor, o prédio precisou ser evacuado porque os tremores poderiam causar danos às estruturas das três calhas que ficavam acima do prédio, rompendo-as.

² Barragens de rejeito são estruturas gigantescas, construídas em concavidades naturais no topo das montanhas. Destinam-se a armazenar todo o material descartado na extração de minério de ferro, nas minas próximas a elas. [...] O rejeito segue para a barragem, onde seca e se transforma em terra dura. Ano a ano, esse resíduo vai sendo empilhado, em degraus, até chegar ao topo da concavidade. Como não há nenhuma parede frontal, a muralha de contenção é o próprio rejeito. Por essa razão, esse material tem que estar bem seco e compactado, sem contato com a água, caso contrário vira lama e desmancha. (DIEGUEZ, 2016)

³ No dia 05/11/15, a barragem de rejeito de ferro, chamada de Fundão, “pertencente à empresa Samarco, controlada por duas das maiores mineradoras do mundo – a brasileira Vale e a anglo-australiana BHP Billiton – rompeu inteira sobre o pequeno povoado de Bento Rodrigues, distrito de Mariana, Minas Gerais. [...] O rompimento da barragem da Samarco se converteu na maior tragédia ambiental brasileira e no mais grave acidente – e único dessa natureza – da história da mineração mundial. Dezenove pessoas morreram só na primeira meia hora. Mas, nos dias que se seguiram, a vida de outras centenas de milhares que vivem ao longo dos 650 quilômetros percorridos pela lama, seria afetada para sempre.” (DIEGUEZ, 2016)

⁴ Durante os primeiros dias, a Samarco informou que ocorreu o rompimento das duas barragens. Entretanto, após o fluxo da lama diminuir no local, percebeu-se que Santarém foi encoberta e não destruída pela lama vida de Fundão. Ao passar por Santarém, o rejeito ganhou mais força ao ficar mais líquida.



Figura 1: Vista panorâmica de Bento Rodrigues. Disponível no Google Earth.

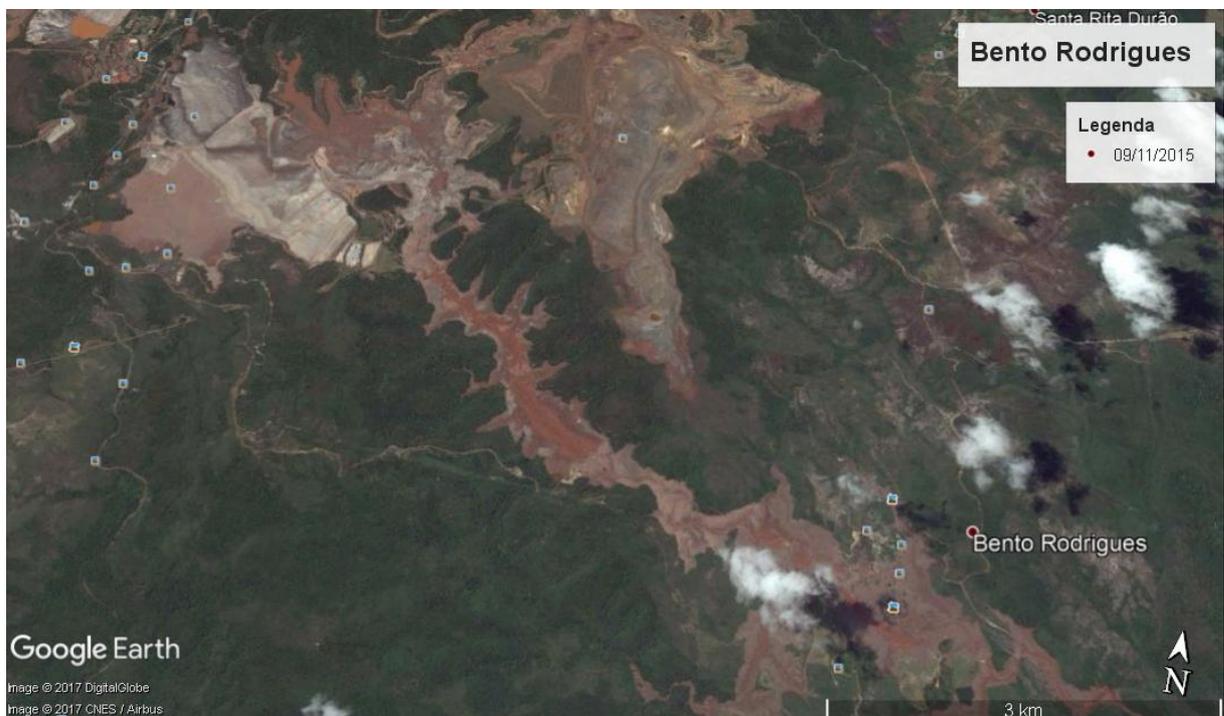


Figura 2: Vista panorâmica de Bento Rodrigues. Disponível no Google Earth.

O que aconteceu?
Cadê as pessoas de Bento Rodrigues?
E os trabalhadores? Tinha terceirizados?
Quantas pessoas foram levadas pela lama?
A sirene não tocou?
Foi um tremor de causas ambientais?
Um ônibus cheio de crianças foi levado? Havia crianças na escola?
Qual a extensão de danos? Poderão ser revitalizados?
E o Rio Doce?
Cadê a Samarco que não se posiciona?
A lama vai chegar a Mariana?
E a barragem de Germano⁵? Vai romper?
Como sobreviver?
Quem cuida de Bento?
O que vai acontecer com o Rio Doce?
Como as famílias serão realocadas em Mariana?
O que a Samarco está fazendo?
Por que o processo é tão lento?
Vai existir um novo Bento?
O que vai ser feito com o rejeito?

Essas e tantas outras perguntas movimentaram as conversas e noticiários. As informações eram descompassadas, genéricas. Poucas respostas eram obtidas. No primeiro momento, o rompimento foi abordado como suspeita, apenas às 20h do mesmo dia foi confirmado o ocorrido, com uma nota oficial da empresa. E assim, nós, que cursávamos a disciplina Laboratório de Imprensa I: Jornal, modificamos o tema do jornal-laboratório Lampião. Optamos por uma edição especial⁶ sobre o que estávamos vivendo naquele momento, dando protagonismo ao acontecimento e às comunidades atingidas, pensando sempre em uma abordagem mais humanizada e ética. O jornal, desde a sua criação, cumpre um papel social em Mariana e Ouro Preto, sendo considerado um jornal local e de destaque, com informações sobre

⁵ Barragem que também pertence à Mineradora Samarco e que possui trincas e risco de rompimento. O volume total da estrutura é de 45 milhões de metros cúbicos de acordo com o relatório de 2013, apesar de ter a capacidade de 70 milhões, volume que configura saturação.

⁶ Edição nº21 de janeiro de 2016 [fechado em 18 de dezembro de 2015]. Disponível em <https://issuu.com/jornallampiao/docs/lampiao_ed21_web>.

essas cidades e os seus distritos. De tal modo, tem como objetivo ressaltar a comunicação oral, ou seja, relatos de acontecimentos locais que envolvam a participação de figuras que são institucionalizadas na localidade (TÉTU, 1997).

Enquanto os outros assuntos surgiram como propostas de pautas, o rompimento aconteceu e foi determinante.

Trazemos aqui uma tragédia que não pode ser esquecida. Mariana possui um forte espaço acadêmico e precisa ser abraçada por esta comunidade. Nos dias que sucederam o acontecido, estudantes se comprometeram e ajudaram, reforçando o ideal de universidade pública como espaço coletivo de aprendizagens e retornos. Este LAMPIÃO é mais um efeito disso. Não somos instituição. Somos gente, somos alunos (de um curso de Jornalismo, especificamente) e buscamos, por meio deste jornal, deixar nossa contribuição a esta cidade que nos recebe de braços abertos a cada semestre, dividindo conosco seu tempo e sua eternidade. (Editorial, LAMPIÃO, 2016, p.02)

Para cobrir a tragédia⁷, a produção na disciplina foi equivalente a uma realizada por redações de jornais tradicionais. Estivemos em apuração no primeiro mês, juntamente com equipes da considerada grande mídia nacional e jornais internacionais. Passamos a “respirar” Bento Rodrigues, Paracatu, Barragem, Samarco, Mineração. Assim como os veículos de comunicação que estavam na cidade, participamos das reuniões com órgãos, empresa e com os atingidos. Diferente deles, não estávamos passando por Mariana, vivíamos aqui, conhecíamos pessoas que trabalhavam na empresa, tínhamos amigos que perderam entes queridos, passamos a conviver com as famílias de Bento Rodrigues. Estávamos presentes na Arena Mariana, quando as famílias foram acolhidas improvisadamente, participamos do processo de doações, acompanhamos o encaminhamento das famílias atingidas aos hotéis e pousadas da cidade. Fomos a Bento Rodrigues, visitamos a Barragem de Germano e corríamos contra o tempo para tentar encontrar as informações verdadeiras em meio ao caos. A Samarco dificultava o nosso acesso, fomos barradas em Bento Rodrigues uma vez e seguidas de perto nas outras. Ao procurar uma fonte na pousada em que estava hospedada, funcionários da empresa coagiram-nos na tentativa de nos fazer recuar. Não paramos.

Passamos a conversar e a conviver com essas pessoas. Fazer parte de um cotidiano atípico. O impacto emocional, em nós, foi gritante. A sala se uniu e trabalhou com afinco, muitas vezes segurando o choro. Ouvir aqueles relatos, saber como a lama chegou, sentir o medo nas vozes trêmulas e desespero na incapacidade de saber como seria de agora em diante

⁷ Na produção da edição especial, as autoras Ana Carolina e Hariane Alves foram respectivamente repórter da matéria especial do jornal e editora de texto.

e na certeza de que nada nunca seria como antes. Não estávamos em Bento Rodrigues, muitos de nós nem conhecíamos o lugar antes do rompimento da barragem, mas sentíamos. Lidamos com um fluxo intenso de informações a todo momento, mas não tivemos acesso a todos os dados. Encontramos dificuldades em conversar com especialistas sobre os danos ambientais e de compilar todas as tabelas e documentos que chegaram até nós, por se tratar de uma produção laboratorial. Dependíamos do transporte da universidade para ir a campo.

Ficamos presas com alguns trâmites burocráticos que partiam de órgãos federais, como a Prefeitura Municipal e a Samarco. O *Lampião* foi finalizado, com algumas lacunas a serem preenchidas e sentimentos conflitantes. Na oportunidade, o jornal-laboratório foi capaz de vincular e configurar afetos a ponto de constituir e conduzi-los. Assim, conforme salientado por Amaral e Barbosa (2016, p. 1), o veículo tratou de “movimentos, instantes e intensidades compartilhadas e experienciadas entre sujeitos, por sujeitos e objetos [...], que os uniram, mas também distanciaram, como forças de intensidades distintas”.

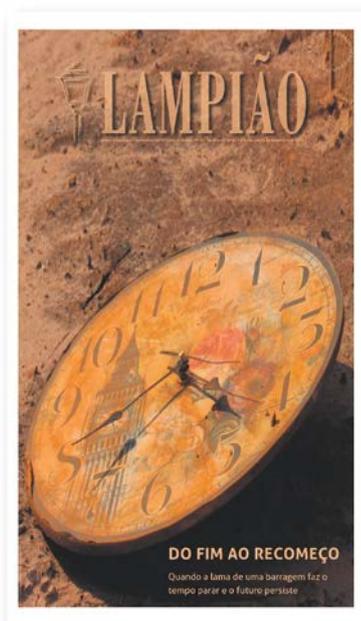


Figura 3 - Capa⁸ “Dentro da lama”



Figura 4: Contracapa “Fora da lama”

1.1 UM ANO DEPOIS

Em 21 de setembro de 2016, o Governo de Minas Gerais liberou a construção do Dique S4⁹ em Bento Rodrigues através do Decreto NE nº500, que comporta 1,05 milhão de m³. Com

⁸ Fotos: Tainara Torres e Thiago Barcellos.

⁹ Após a construção do Dique S4, haverá o alagamento de parte da área já impactada em Bento Rodrigues. O muro de pedras existente no distrito será preservado por uma cobertura que será feita pela Empresa. A ruína da

a construção do Dique S4 e da Barragem de Mirandinha¹⁰, além do marco de um ano da tragédia, voltamos a Bento Rodrigues, dessa vez com a revista-laboratório Curinga, da disciplina Laboratório Impresso II - Revista, com uma edição especial¹¹ sobre o subdistrito e sua população.

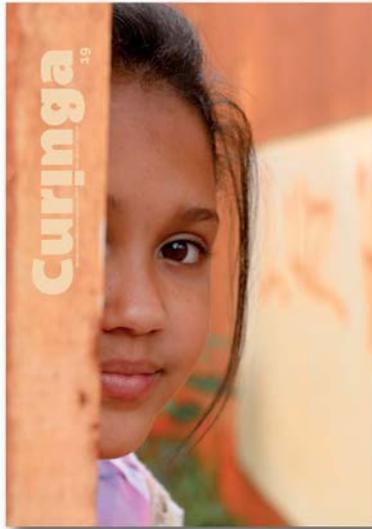


Figura 5 - Capa¹²



Figura 6 - Reportagem especial¹³



Figura 7 - Sumário¹⁴

Retornar a Bento Rodrigues não foi fácil. As imagens da primeira semana da tragédia ainda estavam gravadas em nossa memória. Em 2017, Bento Rodrigues ganhou cores em meio ao marrom da lama. Plantas nasceram nos escombros. É possível ouvir passarinhos. Ao adentrarmos acompanhados por ex-moradores conseguimos mensurar estruturalmente como era e como está o subdistrito. Na última semana de outubro de 2016, presenciamos a transformação. Existem ruas construídas, instalações de postes, dutos. Inúmeras placas com avisos de proibido estacionar, sirene, propriedade privada e rota de fuga foram colocadas. Carros 4x4 e tratores da Samarco estão em todos os lugares e muitos funcionários questionaram

Capela São Bento e o Cemitério não serão alagados. A decisão de construir o Dique S4 em Bento Rodrigues foi tomada após uma ampla e profunda discussão e análises técnicas. Outros locais foram descartados, sobretudo pelo caráter emergencial da obra e pela proximidade do período chuvoso. A construção em outra área exigiria um prazo maior de construção. (SAMARCO, 2016)

¹⁰ Projeto que tem como capacidade para armazenar 417 milhões de metros cúbicos de rejeito. Pensado desde 2009, a barragem de Mirandinha, de acordo com relatórios da própria Samarco, é uma alternativa para a permanência da empresa na cidade por mais 30 anos. (CURINGA, 2016)

¹¹ Edição nº19 de 04 de novembro de 2016. Disponível em <https://issuu.com/revistacuringa/docs/curinga_ed.19_issuu.compressed>.

¹² Foto: Tainara Torres. Diagramação: Débora Mendes.

¹³ Reportagem: Flávio Ribeiro e Thamiris Prado. Foto: Larissa Lana e Rodrigo Sena. Diagramação: Lara Massa e Nathália Fiuza.

¹⁴ Foto: Janaína Oliveira, Rodrigo Sena e Tainara Torres. Diagramação: Débora Mendes.

a nossa presença. O singelo Bento virou canteiro de obras. A tradição foi arduamente substituída por escavadeiras e os bento-rodriguenses por poeira.

O retorno nos fez questionar os processos políticos e jurídicos do nosso país, além do próprio fazer jornalístico. A aproximação desse período de um ano fez com que Mariana voltasse a ser pautada nos veículos de comunicação. As vítimas da tragédia foram procuradas exaustivamente para contar sobre o que vivenciaram. Pensamos nisso diversas vezes: o que nos faz diferente daqueles jornalistas? Questionamos e chegamos à conclusão de que queríamos contar a história dessas pessoas por meio de um acontecimento. “Elas” são protagonistas e não a lama.

A apropriação do terreno por parte da empresa, juntamente com a reação de assombro dos moradores que nos acompanhavam nos fez rever o nosso pré-projeto¹⁵. Vivemos Bento Rodrigues, passamos a ter contato com algumas famílias, choramos em diversos momentos. Diante de uma realidade que passamos a compartilhar, decidimos que contaríamos a história¹⁶ de uma das famílias desabrigadas por meio da construção de um livro-reportagem.

¹⁵ O nosso pré-projeto seria um livro reportagem sobre o Xingu.

¹⁶ Inicialmente nossa angulação seria a partir de duas famílias - uma moradora de Bento Rodrigues e outra de Paracatu. Contudo, modificamos o nosso projeto. Trabalhamos com a família que acompanhamos desde o dia 12 de novembro de 2015. A mudança deu-se pela disponibilidade das famílias acompanhadas.

2. REFLEXÃO CONCEITUAL

A fim de embasar a construção do livro-reportagem sobre a família de Maria do Carmo, a mãe Efigênia, os irmãos Antônio, Agnaldo, Vilma, Rosilene, Anestor, Conceição Celis e Luís, seu marido Matheus e os filhos Cíntia, Wemerson e André, discutiremos autores como Traquina (2002; 2005) e Wolf (1999) ao falar sobre acontecimento e valor-notícia; Barbosa e Carvalho (2016), Amaral e Barbosa (2016) sobre testemunho, trauma e memória; além de abordar a fotografia como diálogos entre silêncios e memórias com o Kossoy (2014), entre outros.

Partimos do acontecimento, porque é ele que rompe a rotina da tarde do dia 05 de novembro de 2015, quando a lama desceu e cobriu de marrom o local e as pessoas. Por meio dos testemunhos da família estruturantes do livro, observamos como o acontecimento aparece nos relatos na mescla de presente, passado e futuro. Este livro-reportagem justifica-se então, pelas vidas que foram modificadas, pela repercussão do acontecimento e por sua relevância social e ambiental, pelo registro histórico de costumes de uma comunidade através dos relatos de dez núcleos familiares. Para Pena (2012), o jornalismo investigativo é uma das formas mais eficazes que a imprensa tem para se aproximar da cidadania e que, se exercido com responsabilidade, pode ser mais do que uma prática profissional podendo ser um instrumento cívico.

2.1 ACONTECIMENTO

O rompimento¹⁷ da Barragem de Fundão, no dia 05 de novembro de 2015, rompe o cotidiano, e por sua grandiosidade, destaca-se como valor-notícia. O acontecimento marca e determina os valores de noticiabilidade¹⁸, tornando-se pauta principal nas mais diversas mídias. Segundo Traquina (2002), um fato torna-se notícia a partir de alguns critérios de noticiabilidade, como: a) **morte**: “onde há morte, há jornalistas”; b) **critério da notoriedade**: ligado ao interesse público ou grande influência social e econômica; c) **proximidade** e d) **relevância**; e) **tempo**: atualidade e retomada pela importância ; f) **novidade**; g) **notabilidade** e h) **conflito**: ligado à violência e infrações.

¹⁷ “A ruptura da normalidade é um traço fundamental do mundo jornalístico”. (TRAQUINA, 2002, p.204)

¹⁸ “Conjunto de requisitos que se exigem dos acontecimentos - do ponto de vista da estrutura do trabalho nos órgãos de informação e do ponto de vista do processamento dos jornalistas - para adquirirem a existência pública das notícias”. (WOLF, 1999, p.19)

Os impactos econômicos, ambientais e sociais, as vidas interrompidas e modificadas, e a imprevisibilidade, tornam o rompimento um acontecimento tão fortemente difundido e publicado - principalmente nos primeiros três meses e nas datas simbólicas.

Como retratar o que ocorreu em Bento Rodrigues sem cair na espetacularização do acontecimento? Como relatar o que aconteceu, a partir dos testemunhos daqueles que vivenciaram o ‘tsunami de lama¹⁹’, sem a exploração exacerbada de suas dores? Seria sensacionalismo? Se sim, como fugir dele?

Uma grande tragédia que repercute na mídia costuma provocar enxurradas de análises, dentre elas sobre a própria cobertura jornalística do acontecimento. A forma como o jornalismo se estrutura a partir de pautas sobre grandes tragédias coloca a notícia como produto e agente na sociedade do espetáculo. Neste contexto, é preciso questionar o objetivo da mídia de conquistar audiência por meio da exploração da dor, equilibrando o sensacionalismo e a cobertura objetiva do fato.

A necessidade de se noticiar a dor, entendida como elemento constitutivo não apenas das tragédias, mas da própria atividade humana, indissociável, portanto, da cobertura jornalística, e ao mesmo tempo a dificuldade dessa tarefa. Percorrer esse caminho exige recuperar algumas pesquisas recentes sobre o papel da emoção no jornalismo, que remetem a fontes variadas [...]. Significa reiterar a objetividade como valor fundamental para o jornalismo, entretanto entendida numa relação dialética com a subjetividade, não apenas de quem apreende os fatos e as notícias, mas também de quem os vivencia e sofre. Significa, finalmente, indagar como tratar jornalisticamente esse sentimento em sua densidade e singularidade, na contramão do sentimentalismo lacrimogênio e da generalização que costumam pautar as reportagens desse tipo. (MORETZOHN, 2013, p. 2)

2.2 TRAUMA

Após a destruição de Bento Rodrigues, inúmeras famílias foram realocadas para hotéis em Mariana, enquanto outras foram para casas de parentes ou amigos. Depois de algumas semanas, do hotel, Maria e sua família foram alojados em casas alugadas pela Samarco em diferentes bairros de Mariana. A comunidade que antes se via em conjunto, compartilhando o mesmo lugar, naquele momento era tratada como fragmento solto de um subdistrito atingido e agora, abandonado.

Estar em situação de abandono caracteriza-se por um estágio no qual há mescla, em maior ou menor medida, de elementos deflagradores de insegurança física, insegurança social

¹⁹ Apropriação do termo por veículos nacionais para falar sobre a lama que destruiu Bento Rodrigues. Muitos moradores afirmaram que a lama veio em duas grandes ondas.

e insegurança emocional. Segundo o Conselho Federal de Psicologia, em 2011, estes elementos principais são: a incerteza em relação ao futuro; a descrença no poder público; o silêncio provocado pela desilusão com as promessas não cumpridas pelo ente público; a ausência de informação consistente; a desassistência social paulatina; a invisibilidade social; as manifestações de hostilidades contra si e seus familiares; os assédios de toda a ordem; e a privação de espaço e de recursos materiais para a afirmação da individualidade bem como na garantia do bem-estar e da coesão familiar. Assim, a perda de entes e amigos, de elementos simbólicos construídos e ressignificados ao longo da vida, a mudança do lugar, a fragmentação da comunidade e a interferência na memória individual e coletiva de um povo faz com que os bento-rodriguenses permaneçam em situação de vulnerabilidade traumática.

A dispersão dos desabrigados significa tão somente a pulverização de dramas que, ao fim e ao cabo, perduram como dramas coletivos, expressão de uma vulnerabilidade ampliada[...]. Daí que os desastres vindouros tenderão a ser catastróficos. Desastres catastróficos correspondem à perda de elementos indispensáveis para a emancipação humana e sua substituição por práticas sociopolíticas que aumentam a vulnerabilidade[...]. (VALENCIO; SIENA e MARCHEZINI, 2011, p.145)

O trauma causado no momento da tragédia trouxe a necessidade de adaptação e de luta “contra o choque de realidade de um mundo que não lhes pertencia” (LAMPÍÃO, 2016), de repensar o cotidiano, a maneira como se relacionam, buscando assim, uma possibilidade de recomeço. André, filho caçula de Maria, chegou ao hotel mal conseguindo se sustentar em pé, tinha pouco mais de um ano de vida. Com a cara de sapeca e olhar brilhante de criança astuta, ele deu seus primeiros passos no quarto do Providência. Como sua família, André, estava ali diante dos obstáculos que a via impõe para ficar de pé.

No que diz respeito à propagação de lugares de memória, Nora (1993) discursa acerca da complexidade de se lidar com memória traumática, abordando a necessidade de reparação social e simbólica - por meio da construção de acervos, livros, memoriais, comissões - que exploram esses acontecimentos históricos²⁰ de difícil assimilação para que o acontecimento não seja esquecido, e principalmente, para que, ao ser lembrado, não volte a acontecer.

Nesse sentido, a memória traumática ganha força como uma forma de reparação social e simbólica, a fim de preservar a memória das vítimas e culpabilizar os autores. Além disso, evidencia a experiência temporal e promove uma reflexão sobre o passado traumático,

²⁰ Como o Holocausto, Ditadura e Regimes Autoritários, grandes catástrofes, eventos que suprimiram os direitos humanos ou que ocorreu a predominância da violência.

destacando a responsabilidade social em (re)tratar essas histórias a partir das pessoas que as vivenciaram na busca pela reconstrução da memória e da ressignificação do tempo presente.

No caso da família de Maria, a matriarca Dona Efigênia é a responsável pela propagação dessa vivência do cotidiano passado por meio da oralidade de geração para geração. Com 74 anos, hoje, ela conta com saudosismo para os mais novos como era a vida em Bento Rodrigues.

2.3 MEMÓRIA E FOTOGRAFIA

Kossoy apresenta a fotografia como uma forma de rememorar experiências vividas por sujeitos. Ao falar da bomba atômica, contrapõe imagem e relógio a fim de apresentar uma linha temporal que possibilita a recuperação do acontecimento por meio das imagens. A foto funciona como instrumento que testemunha o tempo, de forma clara, crua e por diversas vezes, chocantes.

[...] A câmara fotográfica incorpora o tempo do relógio para seu funcionamento e se insere, através de suas imagens, no Tempo enquanto contingência. Com a fotografia descobriu-se que o objeto, embora ausente, poderia ser (re)apresentado, eternamente. É este o tempo da representação, que perpetua a memória na longa duração. Com os ponteiros petrificados temos a memória sempre disponível; uma possibilidade consistente de recuperarmos o fato. (KOSSOY, 2005, p.36)

O diálogo silencioso que permeia a nossa relação com as imagens é completado com a estruturação da narrativa textual, que incrementa as lacunas da fotografia, abarcando o que é oculto e os “mistérios que encobrem o significado dos conteúdos gravados nesses pequenos pedaços de papel” (2005, p.5).

Assim, a junção das duas formas de retratar a memória e o acontecimento (texto e foto), nos permite recuperar o ausente, apresentando a história por trás da imagem fotográfica. Ao mesmo tempo que essa combinação reestrutura, elucida e preserva a memória dos fatos, ela também constrói narrativas que se completam, apesar de não precisarem obrigatoriamente andar atreladas.

Buscando uma maior valorização da memória e da rememoração de episódios que fazem parte das experiências dos personagens, utilizamos fotografias ao longo do livro com caráter documental, os cenários não serão montados, fotografaremos encontros, visitas à Bento Rodrigues e eventos importantes durante os dois anos de rompimento.

2.4 LIVRO-REPORTAGEM

O livro como suporte para o fazer jornalístico não é uma estratégia atual. Como uma extensão da reportagem, este estilo não ficcional aborda fenômenos e acontecimentos reais fazendo uso de procedimentos metodológicos inerentes ao campo do jornalismo, sem abandonar as veias literárias (ROCHA E XAVIER, 2013). Tendo como base pilares como acontecimento, atualidade e interesse público, optamos por esta estrutura por acreditar que ela seja capaz de embarcar conosco em uma reportagem ampliada, investigativa e humanizada²¹ que cumpra o seu papel social de notificar com veracidade, o contexto e os desdobramentos do rompimento da barreira.

Com um processo produtivo que tem como vantagem a aproximação do cotidiano dos personagens por demandar mais tempo para a produção e espaço estrutural (número de páginas, por exemplo) para o detalhamento e exposição de dados encontrados na rotina jornalística, o livro reportagem foi a nossa escolha. Para além disso, por ser “um suporte específico e híbrido no que diz respeito aos gêneros jornalísticos e à retórica utilizada na construção do texto” (ROCHA E XAVIER, 2013, p.18).

Por conter problemáticas específicas, como número consistente de informações, dados, fontes, depoimentos para sustentar a narrativa verídica e que consigam unificar o conteúdo de forma a construir um diálogo entre as histórias condizente com a realidade, o formato “livro-reportagem” dá alicerce para a nossa produção.

Como exemplos de construção narrativa, tivemos como base alguns livros reportagem que nos ajudaram no processo. ‘*O nascimento de Joicy*’, da Fabiana Morais e o ‘*O Olho da Rua*’, da Eliane Brum, por exemplo, foram leituras imprescindíveis para compreendermos o processo do fazer jornalístico (bastidores) quando se trata de grandes reportagens e também, por meio dessas leituras, conseguimos identificar técnicas de entrevista que nos auxiliaram na preparação das pautas para o nosso projeto. Outros livros que nos deram subsídio para trabalhar partindo de um acontecimento relatado de forma humanizada com a presença densa de personagens foram ‘*Hiroshima*’, de John Hersey, (2002) e ‘*Exorcismo*’, de Thomas B. Allen (2017).

²¹ O jornalismo humanizado produz narrativas em que o ser humano é o ponto de partida e de chegada, o que supõe que este fazer começa antes da pauta, na consciência do ser jornalista. (IJUIM, 2011, p.17)

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O livro-reportagem foi formatado e inspirado no estilo da obra “Elogiemos os homens ilustres” de Agee e Evans (2009). Resultado de uma reportagem pautada pela revista “*Fortune*”, o escritor e jornalista James Agee e o fotógrafo Walker Evans foram para o sul dos Estados Unidos, em 1936, para retratar os efeitos da Grande Depressão. No Alabama, a dupla viveu, durante quatro semanas, com três famílias de agregados pobres e fizeram dessa experiência o mote para transpor para a narrativa os dilemas da convivência e do cotidiano daquela realidade.

Com destaque para a riqueza de detalhes, da descrição dos cenários e o próprio interagir humano, Agee e Evans fizeram com que a narrativa fosse marcada pela proximidade de ambos com a vivência local e pontuaram a interferência da presença de ‘estranhos’ no dia- dia daquelas pessoas desconhecidas. Esse estilo é sustentado na obra pela própria estrutura do livro, em que os capítulos são baseados em encontros. Cada repartição traz consigo relatos do primeiro contato do dia, do ambiente e da interação com pessoas ao redor. No caso do fragmento intitulado ‘*Fim da manhã de domingo*’, os autores, por meio de detalhamento, trabalham na busca por conhecer e compreender o outro e o contexto na qual está inserido.

Menos de meio quilômetro atrás em um campo plano de algodão jorrava um capão de carvalho e sob sua sombra se erguia uma casa. Mais além, ao nos aproximarmos, a terra se afundava calmamente na direção de bosques que nela lançavam gavinhas, e aqui e ali a salmilhavam casebres de dois cômodos quase idênticos, talvez uma dúzia, alguns na sombra parcial de arbustos de cinamomos, outros nus ao sol, todos com a cor sob a luz e a aparência frágil de ninhos de vespas. (AGEE E EVANS, 2009, p. 44)

Dando uma visão privilegiada ao leitor, “Elogiemos os homens ilustres” fomenta a ideia de que sempre há algo a mais para saber sobre uma história e seus personagens. Ainda, reflete sobre a intervenção do jornalista no cotidiano do outro, não só como cumpridor de pautas, mas também um compartilhador de sentimentos e experiências.

Assim, no nosso produto, desenhamos o escopo do livro também por meio de encontros com os personagens: desde o primeiro até os mais recentes. Optamos por esse estilo para deixar a escrita mais livre e sem a temporalidade e a cronologia dos fatos para nos amarrar. Fomos guiadas pelo fluxo de pensamento e consciência de cada personagem. Dessa forma, agrupamos temáticas que incluem o contexto familiar, vivências da infância e, claro, o rompimento da barragem, em temas capazes de sustentar cada capítulo do livro.

Consideramos em todo o processo metodológico a comparação feita por Silva e Gomes (2011), em que o fazer jornalístico se assemelha com o do etnógrafo. Ambos descrevem a organização da experiência e da ação humana por meios simbólicos, além de contar histórias.

A partir desses símbolos, repletos de valores e significados, conseguimos identificar reflexos da manifestação cultural do indivíduo e assim, por meio da interpretação e subjetividade se aproximar da realidade do outro. Fazer essa aproximação não foi uma tarefa fácil por se tratar de um tema que causa muita dor aos envolvidos quando é lembrado. Para tentar fazer parte desse contexto, o exercício da escuta foi fundamental nos encontros.

Em entrevista para a revista *Em Questão* do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 2011, a jornalista Eliane Brum reflete sobre a dinâmica da escuta e da importância de estar aberto a se surpreender e despir dos preconceitos/da sua visão de mundo. Além disso, a jornalista elenca alguns pontos importantes para se seguir no momento do processo de escuta, como buscar fazer as entrevistas na casa das pessoas sem limite de tempo. De acordo com a escritora, “[...] a realidade é um tecido intrincado, costurado não apenas com palavras, mas também com texturas, cheiros, cores, gestos. Mascas. Também com faltas, excessos, nuances e silêncios”, sendo importante observar a expressão corporal do entrevistado, os seus movimentos e os seus silêncios.

Para França e Guimarães (2006), a experiência é intransferível e diz respeito àquilo sentido por um indivíduo que vivenciou determinado acontecimento. O vínculo afetivo estabelecido entre os moradores e o ex-subdistrito é resultado de experiências vividas entre gerações e que contribuem para a formação de uma identidade coletiva tão intensa que se mistura com a identidade individual do sujeito, identidades essas prejudicadas depois da mudança obrigatória de morada.

Bauman (2010) reforça que o convívio em comunidade - conceito também desenvolvido pelo autor - se estabelece por meio dessas interações entre os indivíduos e o espaço, posto que a experiência é o principal instrumento de fixação de um conhecimento reflexivo e prático nas relações cotidianas e na manutenção de uma memória coletiva. Segundo Santos (2013, p.15):

A memória expressa e reproduz o reordenamento do mundo e da vida coletiva através de vivências pessoais e individuais. Entretanto, é através dela que uma comunidade, ou um aglomerado de pessoas, se constitui enquanto grupo; que as lembranças são reelaboradas, ressignificadas, forjando uma história comum.

Os locais nos contam histórias, revelam passados e indicam presentes. Assim, ao escrever sobre as experiências vividas por essa família, narrando suas memórias, têm-se por natureza, preservar a história do sujeito, marcada por um acontecimento, e suas reverberações, buscando relacionar a individualidade e as relações coletivas, observando também os reflexos

e as memórias locais²² desses lugares. “A identidade de uma cidade está ligada aos símbolos que ela possui” (SANTOS, 2014, p.23), e esses símbolos permanecem, mesmo sem a Igreja de Bento, ou a praça que reunia toda a comunidade.

É a memória que vai fomentar a reformulação da construção no “novo Bento”, sendo capaz de perpetuar na imaginação e nas narrativas, as experiências e lembranças.

3.1 OS PERSONAGENS

Pensar as pessoas, o dia 05, o caos e a tentativa de buscar uma possível serenidade para falar sobre o assunto. Falar sobre o rompimento de uma barragem de rejeitos com os sujeitos que perderam suas casas no barro. Foi esse o mote que nos fez escolher bento-rodriguenses. Sem nos aprofundarmos nos conceitos de atingido, vítima e afetado²³, decidimos por acompanhar a família de Maria - que hoje vive a depender da Samarco. Conhecemos essas pessoas em momentos diferentes e em contextos diferentes.

Maria (Nem) é mãe de Emerson, Cintia e André, casada com Matheus, filha de dona Efigênia. Dona de casa, ela se viu enclausurada no Hotel Providência, em Mariana, no dia 6 de novembro de 2015. Matheus, o patriarca, também se viu preso em um ambiente que de longe era familiar. Muitas camas, muitas pessoas, muitos medos. Ninguém sabia direito explicar o que tinha acontecido ou o que estava por vir. Nesse misto de apreensão, nós os conhecemos, e desde então estamos acompanhando os desafios de se começar do negativo, pois o nem o zero restou. Apesar de toda a confusão instalada em um quarto de hotel, André deu seus primeiros passos ali. Bem pequeno, segurando nos móveis, a criança já entendia e tentava superar os obstáculos que estavam no seu caminho.

Depois de dois anos, André e os seus irmãos não podem mais brincar nas ruas como era comum em Bento, muito menos serem astutos, pois neste momento, moram em uma casa no segundo andar. Depois de muito questionar a empresa, Maria conseguiu colocar grades na

²² [...] Uma cidade, no seu viver cotidiano, tem sua identidade refletida nos lugares cuja memória os indivíduos constroem no dia-a-dia. Preservar o patrimônio histórico é relacioná-lo com as interações humanas a ele ligadas. O que torna um bem dotado de valor patrimonial é a atribuição de sentidos ou significados que tal bem possui para determinado grupo social, justificando assim sua preservação. É necessário compreender que os múltiplos bens possuem significados diferentes, dependendo do seu contexto histórico, do tempo e momento em que estejam inseridos. (TOMAZ, 2010, p.6)

²³ Depois do rompimento da barragem, uma parcela dos atingidos desenvolveu um jornal impresso chamado “A Sirene”. Neste veículo, estes optam pela terminologia atingido e dão cinco significados à palavra: 1. prejudicados pela lama; 2. sofreu algum dano ou perda diretamente; 3. pessoas que perderam tudo, ou seja, bens materiais; 4. sonhos, vidas e liberdade; 5. inocentes.

janelas depois de espiar pela sala um dos seus filhos dependurado. Sem contar com as escadas que tiram a liberdade para as brincadeiras.

Por intermédio de Maria, conhecemos **Efigênia** - viúva de Luiz, mãe de nove filhos e avó de 16 netos. Dona Efigênia é a ponta que une todos os personagens. É ela que nos conta sobre a infância e adolescência no qual ajudava o pai no engenho, da criação dos filhos após a morte do marido, das madrugadas que acordava em Bento Rodrigues para cuidar da horta, dos grandes pés de jabuticaba que sente tanta falta. É a partir da matriarca da família que começamos a criar laços com e a ouvir relatos dos filhos e netos.

Este livro é sobre Bento Rodrigues. Mas acima de tudo, esse livro é sobre pessoas e suas histórias. E é a partir da construção desse relato que percebemos um Bento que continua vivo mesmo com toda a destruição causada pela lama.

3.1.1 Os filhos de Efigênia

Antônio (Toni)

Filho mais velho, ajudou a cuidar dos irmãos mais novos após o falecimento do pai Luiz. Antônio é pai de Aline e Ana Clara e morava em Mariana quando a barragem rompeu. Cresceu no subdistrito de Bento Rodrigues e costumava visitar a mãe todos os finais de semana. No dia do rompimento, ao ficar sabendo do colapso, foi com o irmão Luís para Bento, onde prestou ajuda e passou a madrugada do dia 05 com a família.

Agnaldo (Nado)

Pai de Flávio e de Ana Beatriz, morava em Bento Rodrigues quando a barragem se rompeu. O maior tocador de violão da família, Nado gosta de estar cercado pelos filhos e por música. No dia do rompimento, recebeu a notícia que a filha Beatriz havia morrido no caminhão que virou no rejeito. Beatriz já estava em Mariana, na casa de Conceição.

Vilma

Mãe da Thaylaine, Quando a barragem rompeu na tarde do dia 05, Vilma estava de resguardo do nascimento da filha Thaylaine. Na época, com apenas 45 dias do parto e com algumas complicações sofridas, não podia fazer esforço. Segurou a filhinha e correu morro acima sem nem sentir dor ou desconforto. Até hoje, acredita que Deus dar o que cada um pode carregar. Ela, que não se lembra de ver a lama enquanto corria morro acima, entende que se tivesse visto as duas ondas que devastaram o lar, não teria conseguido se salvar ou salvar a filha. Vilma

trabalha (desde Bento) no Posto de Saúde São Bento. Odeia fofoca e recorda com exatidão de tantas palavras descabidas recebidas nos dois anos em que mora em Mariana.

Rosilene (Lelene)

Mãe do Whilerson, Thaís, Dayane e Silvany. Morava em Bento Rodrigues quando a barragem se rompeu. Ela tinha 10 anos quando o pai faleceu. Hoje, mais de dois anos após o rompimento, Rosilene mora em Mariana com os filhos e o esposo. Bem-humorada, gosta de falar sobre as peripécias da infância e adolescência em Bento. Sempre atenta aos filhos, acompanha de perto as brincadeiras e os estudos. Rosilene ajudou a avisar os vizinhos e a família sobre o rompimento da Barragem. Foi ela quem buscou Efigênia e levou Thaylaine até o morro. Rosilene é descrita pelos familiares como uma mulher de grande força e determinação.

Anestor (Nestor)

Pai de Gabriel, Anestor morava em Mariana quando a barragem se rompeu. Dentre os irmãos, é o que está mais inconformado com a Samarco e com o rompimento da barragem. Segundo ele, as barragens nunca estiveram seguras e a empresa sabia do risco de colapso muito antes do dia 05.

Conceição (São)

Apaixonada pelos filhos Miguel, Rafael e Marina (5 meses). Casada com Jordan. É uma tia muito querida entre os sobrinhos. Perdeu o filho do meio, com apenas dois anos, em 2016. Apesar de ter crescido em Bento Rodrigues com a mãe e os irmãos, morava em Mariana por causa do tratamento médico do coração de Rafael. Quando a barragem rompeu, o filho Miguel havia passado uma semana na casa da avó. Gosta de ficar na casa da mãe quando o marido viaja.

Conceição é bem desenvolvida, não se intimida com nossa presença e nos recebe de portas abertas. É por causa dela que Efigênia começa a conversar com a gente. Fala com clareza sobre os tempos de menina em Bento. Ao recordar sobre o dia do rompimento, faz algumas longas pausas ao falar sobre o medo que sentiu de perder toda a família. Sobre a morte do filho, fala pouco e não demonstrar querer tocar muito no assunto.

Celis

Na infância era a companheira de Rosilene nas brincadeiras. Casada com Marcelo, Celis perdeu a sogra no dia do rompimento da barragem. Trabalhava no canteiro de obras da Samarco e ao

receber a notícia do rompimento pelo telefone, ligou para toda a família para avisar. Junto com o cunhado Jordan, Celis foi a Bento ajudar nos resgates.

Luis

Caçula da família, Luís era considerado o mais pirracento dos filhos de Efigênia. Não gostava de caminhar e queria andar com a mãe sempre no colo. Morava em Mariana durante a semana e ia para a casa da mãe nos finais de semana. Muito próximo dos sobrinhos. Gosta de brincar bastante com eles.

3.2 ESTRUTURA DO LIVRO-REPORTAGEM

Traremos o acontecimento a partir das vivências desses personagens, fazendo um resgate à memória. Os tempos passado, presente e futuro foram sempre trabalhados a partir dos relatos dos entrevistados. Bento Rodrigues e o rompimento da barragem surge como plano de fundo para as recordações que os personagens nos apresentam. Mesclamos uma narrativa baseada na humanização do relato, com um texto literário nos moldes do novo jornalismo praticado por Hersey. Os relatos da família foram preenchidos com informações técnicas, entrevistas de outras fontes (primárias e secundárias) e com a utilização de fontes documentais sobre a tragédia quando necessário, mas o foco sempre está no relato compartilhado em cada encontro que é demarcado por uma linha temporal que transpassa os dois últimos anos.

Nosso processo de produção foi feito por meio da coleta de relatos (gravadas e transcritas) a partir das entrevistas realizadas com as fontes. Utilizamos a análise da conversação, focando na dinâmica das interações nos atos de fala. Esse método foi escolhido por propor a recuperação da situação comunicativa pensando na interação momento a momento, dando destaque para a história contada pelo próprio sujeito e na sequência interativa.

O livro foi construído como uma colcha de retalhos, interligando as histórias pelos relatos e pela apuração. Partimos do acontecimento - rompimento da barragem no dia 05 de novembro de 2015 - para recordações narradas que fogem desse tempo-espço. Por meio de capítulos narrados a partir de encontros ocorridos durante os dois anos após o rompimento, construímos um livro-reportagem com uma narrativa que entrelaça passado e presente e que ampare-se num sonho futuro de reconstrução da vida que foi interrompida a partir da promessa da construção do subdistrito.

A escolha dos capítulos deu-se a partir de elementos identificados nas conversas com todos os personagens. Optamos por dividir os capítulos trazendo os primeiros a partir do lugar

e do sexto em diante, com as palavras-sentido compartilhadas, primeiro entre a própria família nos momentos vividos e depois conosco, como: o café, a onda, a pedra.

Elementos externos

- Marcador;
- Sobrecapa;
- Capas (1ª capa, 2ª capa, 3ª capa e 4ª capa);
- Lombada;
- Miolo.

Elementos pré-textuais

- Falsa folha de rosto e verso da falsa folha de rosto;
- Folha de rosto, verso da folha de rosto; • Catalogação;
- Epígrafe;
- Dedicatória;

Corpo da obra / Capítulos

Prefácio

Apresentação

Prólogo - **Providência**

Cap. I

Provisório

Parte I

Parte II

Parte III- 2 anos

Cap. II

O Café

Cap. III

A Pedra

Cap. IV

A Onda

Cap. V

O Roubo

3.3 PROJETO GRÁFICO

Harmonizar o processo de entrevista com os prazos do jornalismo, da universidade, e da gráfica para a impressão foi uma tarefa complexa. Depois das transcrições finalizadas e do processo de alinhamento da narrativa foi definido o projeto gráfico e quais cores e elementos deveriam permanecer. O projeto como um todo foi sugerido a partir da diagramação do livro *O olho da rua* da jornalista e escritora Eliane Brum.

De acordo com Lupton e Phillips (2006), a cor é uma ferramenta capaz de descrever uma realidade ou codificar uma informação e, ainda, serve para conectar, ressaltar e esconder impressões (p.71). Na nossa proposta optamos por conectar-se com o cotidiano rural regado a paisagens naturais, ressaltar uma certa positividade em relação ao acontecimento e esconder de forma simbólica, o marrom caótico da lama. Assim, optamos pela cor verde como tonalidade principal para que o livro não segua o tom lamacento. O verde compôs as repartições entre os capítulos para reforçar a ideia de natureza, equilíbrio, esperança, crença, firmeza, coragem e liberalidade. HELLER (2012).

A impressão da capa do livro foi feita em papel Supremo 250g. O miolo foi impresso em papel *Chambрил Avena* 80g e o formato é no tamanho 14x21cm. As margens: interna e superior foram usadas 2 cm; externa e inferior 2cm.

O acabamento foi realizado em formato brochura com lombada vertical. Quanto à tipografia, foram utilizadas três fontes: para os títulos as letras reprográficas, *Exo* e *ChunkFive*; para os capítulos *Exo*; o texto do miolo do livro, está com fonte Nobile, no tamanho 13. O material foi produzido no programa *InDesign*, do pacote Adobe.

4. DIÁRIO DE BORDO

Definir como chegaríamos até aos personagens foi de tirar o sono, já que não tínhamos refletido sobre como seria para aquelas pessoas que mal conhecíamos relembrar memórias e traumas. Contudo, enxergamos no café, hábito mineiro de se sentar na mesa e fazer um lanche, a possibilidade de interação menos invasiva e potencializada para a realização das entrevistas. Alguns dos cafés foram marcados por telefone, via WhatsApp e também por meio de recados. Maria, na maioria das vezes, fazia o papel de comunicar aos parentes sobre o dia da visita e o horário.

Em certos momentos entrevistas foram desmarcadas pelos personagens devido a problemas pessoais, as desmarcações foram as maiores dificuldades para cumprir o cronograma e caminhar com o processo de produção do livro. Efigênia passou por uma cirurgia para correção de catarata e teve que ficar em repouso por um longo tempo, uma vizinha, também moradora de Bento Rodrigues, faleceu em um dia marcado para o encontro...Nestes dias usávamos do tempo para escrever o memorial teórico e estudar as possibilidades de narração. Quando a data do dia 5 de novembro se aproximava também optamos pelo distanciamento para respeitar o momento íntimo e doloroso para os personagens.

Mariana - MG, de 12 novembro de 2015, quinta- feira, Praça da Sé/Missa de Sétimo dia da tragédia.

Estávamos diariamente acompanhando os desdobramentos do rompimento da barragem em Mariana. Estudantes do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, saímos de quase focas para jornalistas profissionais, que estavam ali para entender, sentir e ouvir as mais de 600 pessoas violadas pela Samarco.

Eu [Carol], também estagiária da Arquidiocese de Mariana, no meio de toda a turbulência, me via imersa em audiências públicas, reuniões com movimentos sociais, coletivas de imprensa, visitas a Barra Longa e a Bento Rodrigues, além de acompanhar as iniciativas da Arquidiocese diante da tragédia.

Uma delas foi a missa de sétimo dia, quando centenas de pessoas se reuniram na Praça da Sé para fazer daquele momento de fé um suplício para a esperança. Precisava me entregar naquele momento para conseguir observar qual seria a angulação que usaria nas pautas propostas pelos meus professores do curso de Jornalismo e também pela minha jornalista responsável no estágio. Não sabia como chegar perto daquelas pessoas munidas de lágrimas de saudade e incertezas, e perguntar nome completo, idade e como elas se sentem. Perguntar o que tinham em Bento Rodrigues e o que pensavam sobre o futuro.

Um pouco atordoada com tantos pensamentos e sensações, avistei uma criança sentada no meio fio, bem ao lado de onde acontecia a celebração. Me aproximei para tentar alguma espécie de diálogo, mas só descobri o seu nome e que queria um balão. Cíntia estava ali com a família católica para participar da missa. Logo que obtive a resposta da garota, seu irmão Wemerson já veio puxando papo e perguntando o que eu fazia ali. Me identifiquei com aquelas crianças de uma certa forma que até hoje me faltam palavras.

Olhei ao redor e percebi que estava sendo observada por um casal de adultos em que a mulher segurava uma criança no colo, provavelmente aquele era o restante do núcleo familiar. Notei ali uma possibilidade de conseguir fontes interessantes para o estágio e faculdade. Fui até eles e comecei a dialogar sobre as crianças e sobre a celebração. Papo vai papo vem, descobri que aquela família morava em Bento Rodrigues e tinha perdido tudo, casa, amigos e afetos.

Perguntei se eles poderiam me dar uma entrevista, mas acanhadamente recebi um: "Acho melhor não". Me senti invasiva, contudo me mantive firme na conversa.

Ao final da noite quando já estávamos despedindo, Maria, a mãe, acenou e disse: "A gente está lá no Hotel Providência, depois você vai lá".

[...]

Enquanto Carol - uma das responsáveis por produzir o especial do Lampião - ia em busca das fontes, eu [Hariane] era a editora de texto da edição e recebia uma enxurrada de informações desconstruídas, que tinha que filtrar junto à professora Karina Barbosa - responsável pelo texto e o Willian Vieira - editor chefe. O meu papel era orientar cada repórter, sempre filtrando e analisando cada texto ou novidade trazida, revisando, cortando texto, buscando instruir nas pautas. O ânimo estava à flor da pele. Reuniões brotavam, deputado que chegava sem avisar, formação de comitês que surgiam sem ninguém ter conhecimento, inúmeros jornalistas dos mais diversos veículos. As famílias estavam incertas, muitas passando o dia sentadas em frente aos hotéis em que foram realocadas. A Samarco não respondia e-mails ou telefonemas - acompanhei uma ida à empresa e ao complexo de Germano, inclusive e ficamos por horas no hall da entrada, junto com jornalistas do Estado de Minas, sem nenhuma resposta.

Fui a Bento Rodrigues oito dias após o rompimento com uma equipe do Lampião e uma equipe de bombeiros. Eu ia escrever sobre a "pedra no meio caminho" que retardou o avanço inicial do rejeito e de que tantos moradores falaram. Ainda recordo do cheiro forte de comida em decomposição, da lama mole que puxava nossos pés. Da instabilidade do local, do carro preso no telhado da casa. Ficamos em silêncio. Ninguém sabia ao certo onde pisar, onde ir, o que perguntar. Os bombeiros junto com policiais e carros de resgates estavam no local.

Vasculhavam onde podiam chegar e nos informaram para não entrarmos em casas (paredes soltas em meio à lama) e não descer para perto de onde ficava a capela de São Bento por causa de possíveis desmoronamentos de estruturas ou de rejeito. “Uma jornalista da Globo ficou presa até metade da perna. Tivemos que tirá-la no braço”, falou em tom de alerta o Capitão.

Mariana - MG, de 13 novembro de 2015, sexta- feira, Hotel Providência

Fui [Carol] trabalhar na Arquidiocese de Mariana na parte da manhã e logo em seguida me direcionei para o Hotel Providência. Chegando lá, não sabia muito bem por onde procurar ‘meus novos amigos’. Muitas pessoas atingidas pelo rompimento estavam no hotel. Crianças corriam beirando escadas sem corrimão, a piscina estava sem cobertura sendo mais um ponto de risco para os pequenos. Andando pelas repartições do lugar, me perdi um pouco entre as portas e corredores, azuis e brancas. Atravessei a quadra e me deparei com uma possível ‘copa’ que ficava em frente a dois quartos geminados. As portas estavam abertas e quando olhei para dentro avistei Maria, Matheus e as crianças. Entrei confiante e brincalhona dizendo que ‘tinha aceitado o convite’. Maria, acanhada como sempre, me disse para não reparar na bagunça e que onde tem crianças as coisas ficam espalhadas mesmo. Sorri sem graça por sentir na sua fala o incômodo de estar naquele quarto sem individualidade e privacidade.

Fui apresentada para a família toda! No primeiro momento não consegui associar os nomes e o parentesco, mas tentei. Depois das apresentações, Wemerson, o do meio, me pediu para segurar a câmera fotográfica que estava no meu peito. Coloquei mais ou menos no automático e falei para ele fotografar um pouco. Deram bons resultados o fotógrafo mirim dono de um dos sorrisos mais lindos que conheço.

Na empolgação que envolvia o ato de fotografar e ser fotografado por Wemerson, André, o caçula, com toda a sua autonomia de 1 ano e poucos meses levantou e deu seus primeiros passos no chão de taco de 1972.

Mariana - MG, 14 de maio de 2016, Moradia provisória da Samarco

Andando [Carol] pelas ruas de Mariana em uma tarde qualquer, recebi um abraço surpresa de saudade nas minhas pernas. Quando direcionei o meu olhar para baixo achei o sorriso de Wemerson. Logo em seguida avistei Maria com André no colo e Matheus de mãos dadas com Cíntia. Questionaram o meu sumiço e me contaram que não estavam ficando mais no hotel e sim morando em uma casa alugada pela Samarco no bairro Colina. A notícia foi dada de forma entusiasmada e com o olhar de esperança e desejo de futuro. “Vamos ver se agora as coisas andam”, disse Matheus. Se despediram de mim no meio daquele vai e vem de pessoas e,

novamente, como um *déjà vu*, Maria me olhou docemente dizendo “Por que você não vai lá ver a casa? É uma rosa no segundo andar”. Fiquei feliz e disse “ Vou sim, passo lá essa semana”.

No final da semana depois do estágio resolvi dar uma passada lá. Como filha do interior, cheguei na porta da casa descrita por Maria, bati palma e gritei pelo seu nome. Logo a porta se abriu e eu ouvi “Olha Wemerson, quem tá aqui”. Em questão de segundos a porta estava cheia. Me convidaram para entrar e tomar um café, hábito esse que se estende até hoje. Sentei no sofá para conversar sobre a vida deles e contar um pouco sobre a minha. A nossa conversa foi interrompida quando André, que estava debruçado na janela da casa olhando para baixo, correndo o risco de cair lá de cima, nos chamou atenção. “A casa é boa, mas os meninos ficam muito presos, eu não deixo ir na rua. Daí eles ficam subindo nos lugares e aqui não tem grade e tem muitas escadas. E outra coisa, né, parece que a gente tá sempre incomodando a casa de baixo, que é da dona”. Entendi que a euforia por ter saído do hotel havia passado e que a ideia de ‘lar provisório’ e ‘inadequado’ tomava os pensamentos daquela família.

Mariana - MG, 20 de novembro de 2016, Moradia Provisória da Samarco parte II

Um ano depois do rejeito ter tomado Bento Rodrigues e atingido 228 municípios, Maria e sua família permaneciam na mesma casa rosa. Apareci por lá, como de costume, para saber como andavam as coisas. Cíntia e Wemerson estavam com dificuldades de se adaptar à nova escola. André já corria pela casa como se estivesse participando de uma corrida daquelas bem malucas. Matheus e Maria continuavam ali, na casa ainda sem grades de proteção. Apesar de as janelas estarem bem abertas, a sensação era de enjaulado. As crianças não podiam brincar na rua porque era perigoso, não se podia falar alto com medo de vizinhos reclamarem. O sentimento de viver em um espaço que não é o seu lugar ficava cada vez mais forte.

Matheus quase não fala e quando se atreve as palavras aparecem entre os dentes acanhados de quem sabe muito bem o que diz, mas pondera. Indignado com a falta de respostas sobre quando iriam começar as obras no terreno comprado pela Samarco, ele já se mostrava impaciente com toda aquela situação. "Eles falam que ia ficar pronto tudo em 2018, agora é 2019, só que não estou vendo máquina nenhuma rondando por lá. Eles vão é ficar enrolando a gente, cada um fala uma coisa."

Mariana - MG, 14 junho de 2017, Personagens de um livro

No processo de escolher o tema do tão temido Trabalho de Conclusão de Curso da faculdade de Jornalismo, eu e Hariane queríamos falar sobre o rompimento da barragem, contudo não era uma opção trabalhar com uma abordagem sensacionalista e desumanizada.

Queríamos falar de gente! Contar histórias repletas de recordações de um estilo de vida bentorodriguense quase escasso nos dias de hoje. Fugir do contexto da família de Maria, ou melhor da matriarca Efigênia, era impossível e a minha tarefa era torcer para que todos aprovassem a ideia de serem personagens, não só das próprias vidas, mas também do nosso livro.

Em mais um encontro na casa da Maria e do Matheus era preciso fazer o convite, quase uma proposta, para que o projeto do livro desse início. "Um livro? Nossa Senhora! É bom que tem muita gente e cada um conta um pouco né?", disse Maria sorrindo levemente em conjunto com Matheus. "Então você pode olhar com todo mundo se todos topam?", perguntei. "Olho sim, falo mais ou menos com eles e aviso que você vai ligar contando", concluiu Nem (apelido carinho de Maria na família). Fomos tomar café e conversar sobre a vida.

Mariana - MG, 30 de outubro de 2017, terça-feira, Casa da Maria e do Matheus

“Primeiro encontro que estávamos juntas e assim vamos contar. Regada a café e ao som da máquina de costura, tivemos uma conversa agradável. Precisávamos ir embora, mas a vontade de continuar a prosa era grande”- Carol e Hariane

Em outubro a primavera inicia-se em Mariana- MG essa época do ano é marcada por chuvas e pelo calor excessivo. Foi em uma tarde de terça-feira inundada pelo mormaço, que chegamos à casa do casal Maria e Matheus no bairro Colina. Tivemos dificuldade de marcar a entrevista, contudo fomos mesmo assim. Batemos a campainha e chamamos “Maria”. Fomos recebidas por Matheus, pois a esposa estava bastante atarefada, cheia de roupas para costurar.

Matheus, que nos recebeu à porta com o sorriso tímido e acolhedor de sempre, abriu o portão para que entrássemos. Subimos a escada que dava direto para a sala de estar. Acomodado entre quatro paredes, o cômodo tinha um jogo de sofá, uma televisão e um rack. A casa ficava no segundo andar de um prediozinho. Depois da sala, a moradia tinha três quartos - que foram divididos entre as crianças e o casal- uma cozinha conjugada com a copa, dois banheiros e uma lavanderia. As crianças estavam muito inquietas por causa do calor e da falta de programação na TV, que por ventura estava com problemas com o sinal. Nos abraçaram e voltaram a correr pela casa. André, o caçula, pronunciava poucas palavras que conseguimos entender, como “mamãe”, “oi”, “beijo” e “não”. Cíntia também nos cumprimentou - séria e retraída, diferente dos irmãos. Ela tinha trabalho da escola a fazer e por isso informou à mãe que estava indo a casa de uma colega usar o computador. Perguntei ao Matheus se eles não tinham internet. “Só têm internet as famílias que tinham em Bento Rodrigues e que tinham computador em casa”, respondeu-me enquanto tentava sintonizar a televisão.

Maria, que até o momento estava no quarto costurando, veio nos cumprimentar e se desculpar por não poder nos dar atenção.

“Maria do céu, tentamos te ligar mas tá tudo sem sinal.”

“Tô o dia todo tentando ligar pra mãe e nada. Oh, hoje tá corrido, nem vou poder conversar direito com vocês. Tô costurando o vestido da Cíntia para a apresentação. E apareceram outros serviços e a gente não pode recusar, né!?”.

[...]

Enquanto Carol e Maria proseavam animadamente no quarto, me sentei com Matheus na sala. “Tem uma semana que a SKY tá sem sinal. Fica difícil, né?, porque os meninos não têm muito o que fazer dentro de casa”, contou. Sentamos no chão tentando sintonizar o aparelho da SKY, mas o esforço foi em vão. Ele havia perdido a sintonização do satélite e por mais que fizéssemos as tentativas padrões e aparecesse o menu, os canais continuavam fora do ar. Maria interrompeu a tentativa falha de assistência técnica e nos convidou chegar à cozinha. Mesmo ocupada, nos preparou um café com biscoitos.

Na cozinha, Matheus lembrou a enchente que enfrentou quando morou em Mariana a trabalho em 2003. “A gente não esquece. Tinha um barracão na beira do rio e aí o rio transbordou nesse mesmo bairro, na rua debaixo. A gente perdeu comida, móveis e roupas. Acordamos e as comidas tavam boiando e o colchão também... Mas em Bento foi pior, no começo parecia que era água também. Mas não era não!”. Maria fazia algumas interferências na conversa do marido. “Ninguém avisou a gente, não. Minha irmã Celis ligou e os vizinhos começaram a avisar também, aí a gente correu [...] Hoje, quando chove muito os meninos assustam. Ficam andando atrás de mim o tempo todo quando estão em casa. Quando vão dormir ficam tudo comigo na cama com medo. Eu falo que tá tudo bem mas a gente nunca sabe, né?! Lá tava tudo bem também, mas como minha mãe fala, a gente não dorme com o olho do outro”.

“Ficam todos na sua cama?”

“Às vezes ficam. Tem vez que a gente junta as camas e ficamos aqui. Mas eu não posso dormir, porque eles ficam com medo e me acordam.”

“E como faz com tão pouco espaço, Maria?”

“Olha, lá [em Bento] eles tinha quintal, a casa de mãe com os pé de jabuticaba, brincavam na rua. Aqui, os meninos não têm espaço. André ganhou um velotrol, mas a gente não deixa ele usar direito pra não fazer barulho por causa dos vizinhos. Tem casa aqui em baixo [...] Nessa casa nada é nosso e a gente tem medo deles [vizinhos] reclamar do barulho dos meninos.”

“Vocês [família] são muito unidos, né?!”

“Somos sim, graças a Deus. Aqui [em Mariana] a gente tá mais afastado, mas a gente se vê quando dá. Em Bento a gente reunia todo mundo todo final de semana, fazia comida, cantava. Mas aqui a gente faz menos coisas para não atrapalhar”. Com o olhar fixo no coador de café, Maria continuou: “A gente espera a nossa casa, né? É nossa. Mas ainda não começaram a construir. Diz que fica pronto em 2019. Sei não, até agora não tem nada não.”

Tomamos o café e conversamos um pouco sobre a produção do livro. “Aposto que os meninos vão falar até” risadas nostálgicas tomaram conta da cozinha. Apesar da vontade de continuar o papo, Maria tinha muito serviço a terminar e decidimos não nos demorar mais. Fomos embora com a promessa de outras conversas, galinha caipira, arroz doce e café.

Mariana - MG, 05 de novembro de 2017, domingo, Centro de Convenções

“Um frio na barriga acompanha-me enquanto vou em direção ao Centro de Convenções. dois anos desde que a barragem rompeu e tão pouco foi feito. Penso se é certo adentrar na saudade e na dor daquelas pessoas. Mas é preciso contar. Contar para não esquecer. Contar não se repetir. E assim vou, pela primeira vez sem a Carol, conversar com a Maria e alguns membros da sua família.” - Hariane

Dois anos marcam a data do rompimento da barragem de fundão que destruiu o subdistrito de Mariana, Bento Rodrigues. No dia 05 de novembro de 2017, eventos ocorrem na cidade, como a missa, o lançamento da coleção de livros “Bento, Passado, Presente e Futuro” - escrito e desenhado pelos estudantes do nono ano de Bento” - e o minuto sirene.

Encontro com o Matheus olhando uma exposição de fotos de Bento: “a gente olha para matar a saudade, né?!”. Apontando para uma foto que mostra a praça com a igreja de Bento, fala que existia um cruzamento ao final da rua. Matheus fala sem tirar os olhos das fotografias. “Por aqui a gente ia para a cachoeira... Agora não dá mais!” Fala mais para si do que para mim, por vezes parece se esquecer da minha presença. Quando lembra, dá-me um sorriso tímido e volta a falar sobre as ruas e casas. “Bento era simples. Não tinha muita coisa. Mas era bom. Era nossa casa”. Ao final do evento, perguntei a Maria se poderia tirar uma foto da família e ela concordou.

“Matheus, busca os meninos pra gente fazer foto!”

“O André não tá com você?”

“Não!”

Maria ficou séria e saiu em busca do filho. Ela e o Matheus se dividiram. Entraram no auditório onde ainda existiam crianças brincando e nada do André. Desce escada, sobre escada, pergunta para os primos e nada. A preocupação fica evidente nos rostos dos pais, mesmo com toda a calma demonstrada. Existem muitas pessoas no Centro. Muitos desconhecidos e uma rua cheia de carros. Descemos a escada mais uma vez e encontramos André brincando com o irmão Wemerson. Maria chama os filhos e em momento algum dá uma bronca. Segura um André agitado pela pequena mão e pede o filho do meio para buscar Cíntia.

“Não quero fazer foto!” Cíntia não quis participar da foto e não quis conversar comigo. Mas mesmo com a negativa, sob o olhar da mãe, aceitou contrariada permanecer no local. A foto foi rápida e o ambiente cheio de paredes de vidro não ajudou. A foto - que seria revelada depois para dar para Maria - foi feita com uma Cíntia que olhava para o lado e escapulia e sem iluminação adequada. “No começo, ela falava muito. Falou com um tanto de repórter, mas depois parou. Ficou com trauma. Não gosta mais”, relata Maria quando pergunto sobre a timidez da filha. Cíntia perdeu dois amigos no dia do rompimento da barragem. Na época, com oito anos, estava na escola com os primos e os amigos, quando a lama chegou. Cíntia observa, sempre séria, sempre pensativa, o que ocorre à volta.

Mariana - MG, 07 de novembro de 2017, terça-feira, Casa da Efigênia

“Vira à direita. NÃO, À DIREITA!

“Mas essa é a direita!”

“Então vira a esquerda!”

“Ihhhh, o carro não vai subir!”

Carol, que estava na direção da Ritinha - um fusquinha verde de 1974 - puxou o freio de mão, engatou a primeira e pisou no acelerador com toda a força. Abaixou o freio de mão e subiu o morro. Com o sol de lascar bambu, como dizem, no banco de trás, Thaís, Cíntia e Wemerson davam gritos de alegria e entusiasmo. Eu, entre risadas e apreensão, prestava atenção na subida tumultuada e pensava que Maria iria nos matar se alguma coisa acontecesse. Ritinha subiu firme e nos levou a uma casa com um grande portão de madeira.

Era uma ensolarada terça-feira²⁴ de novembro quando estacionamos a Ritinha em frente ao número (colocar o número da casa) e chamamos. Os meninos ainda estavam entusiasmados

²⁴ Mariana - MG, 07 de novembro de 2017, terça-feira, Casa da Efigênia.

com a pequena aventura vivida para chegar à casa da avó. Falavam e soltavam risadas enquanto batíamos no portão.

“Dona Efigênia!” “Dona Efigênia!”

Alguns minutos se passaram até que ouvimos vozes do outro lado. Efigênia e a filha Conceição abriram a porta e nos receberam. A porta dava entrada para uma grande sala com escadas. Descemos em L, até chegar em uma cozinha organizada e jeitosa. Conceição, que segurava a pequena Marina, de apenas cinco meses, nos convidou a sentar. Thaís, Cíntia e Wemerson se juntaram a nós, curiosos para o início da conversa.

“Olha, não gosto de jornalista. Não tenho nada para contar!”, disse dona Efigênia entre meados de sorrisos sem graça, nos olhando de relance enquanto caminhava para o armário e abria as portas pegando pó de café, açúcar e leite.

Rindo, foi até o fogão e começou a fazer café. Não parava um segundo. Ia de um armário à outro pegando café, açúcar, biscoitos. Quase não olhava para nós no primeiro momento. Conceição, que está ficando uns dias na casa da mãe, começou a puxar papo. Contou-nos, saudosa, sobre o engenho com boi, sobre as brincadeiras com os irmãos nos pés de jabuticaba. Bento Rodrigues começa a surgir, primeiro em detalhes sobre os cílios queimados ao colocar o rosto no buraquinho da taxa de fazer garapa, depois nos relatos mais detalhados dos encontros familiares nos finais de semana.

Cíntia, que acompanha toda a conversa, calada, começou a soltar risadas tímidas ao ouvir os relatos da tia e da avó. Cíntia começa a brincar com um quebra cabeça feito com desenhos de colegas. Vez ou outra, olha, ora pensativa, ora desconfiada, para nós. Quando começa a rir com a prima Thaís e a completar relatos, mostra uma Cíntia mais aberta à ideia da nossa presença. Ela, que se mostra tão fechada, começa a dar sinais de proximidade pela primeira vez.

Café e biscoitos são os pontapés para fazer a conversa fluir. A comida - principalmente os doces como a rapadura - é o assunto preferido.

Mariana - MG, 12 de dezembro de 2017, terça-feira, Casa da Rosilene

Rosilene nos recebe um pouco apreensiva. Apesar de já ter ouvido Maria falar sobre o “tal livro” que estamos escrevendo, pergunta novamente do que se trata. Explicamos que o livro é o que nos fará formar em jornalismo. Ela franze o rosto ao ouvir a palavra “jornalismo”. “Não gosto de jornalista. No começo eles falavam com a gente. Fala que a gente falou uma coisa que não disse. Se era para inventar, por que perguntar?”, indaga. Falamos que nossa proposta é

diferente, que Carol acompanha Maria desde o dia 05 e que não estamos lá para perguntar, para seguir uma pauta, mas sim para ouvir.

A conversa começa timidamente. Primeiro Rosilene nos conta que Thaís está na cozinha estudando para uma prova de matemática. “Mas é igual eu falei com ela: Se tivesse esforçado o tempo todo não tava de recuperação, mas ficou enrolando, agora tem que fazer em cima da hora. Quando a pessoa esforça e perde a nota, tudo bem, mas ficou enrolando... ai no final do ano não esforça e não passa? Deveria ter estudado antes que conseguia”. Rosilene ainda reforçou ao final da entrevista que no ano passado era aceitável que as notas dos filhos abajassem, mas que esse ano não. Falar sobre o estudo da filha e depois de si mesma foram os pontapés iniciais para descobrirmos um Bento Rodrigues arteiro, cheio de risadas e histórias inusitadas, como a da pedra no ouvido:

“Um dia eu pensei assim: hoje vou colocar uma pedra no ouvido. Ela era redondinha. Coloquei em um e tirei e depois coloquei no outro. A pedra garrou e não quis sair. Pulei, bati na cabeça e nada. A pedra ficou no meu até minha gravidez. Eu tinha uns sete para oito anos quando coloquei a pedra. Nem contei para a mãe para não apanhar. Senti dor caladinha. Ai, antes de ganhar minha segunda filha, acho, fui no médico e falei ‘doutor, tem uma pedra no meu ouvido’. Ele não acreditou, passou remédio para tirar a cera nada, até que começou a tirar e era a pedra. Eu tinha a pedra no potinho em Bento. Agora ela deve estar na lama”.

Mariana - MG, 14 de dezembro de 2017, terça-feira, Casa da Vilma

Demoramos para encontrar a casa de Vilma no bairro Marília de Dirceu. Nos perdemos algumas vezes e tivemos que passar na casa da Maria para conseguir referência da casa da irmã. Era o primeiro encontro a que iríamos sem a presença do Wemerson ou Cíntia. Vilma nos recebeu com um pouco de apreensão. Precisamos contar sobre o projeto do livro, as ideias, para que ela começasse a conversar com a gente. No início do encontro, o irmão Antônio e a esposa apareceram e enriqueceram os relatos iniciais.

“Olha, dizem que em 2019 a nossa casa fica pronta. Mas não sei não viu. As obras estão paradas. E eles já encheram Bento de água. Dizem que teremos uma estrada que ligará o terreno novo ao velho para que possamos visitar o cemitério. Mas não sei não. A gente não queria o rompimento. Não queríamos sair do Bento. Não queríamos que enchessem o Bento de água... Mas que manda é a Samarco”. O tom de revolta, palavras como “mentira”, “culpado”, “preconceito”, “responsabilidade”, começam a moldar o nosso encontro. Essa é a primeira vez que temos um relato tão detalhado sobre o que aconteceu no dia 05 de novembro de 2015, iniciando minutos antes do rejeito atingir Bento e chegando até dois anos após o desastre. Vilma

classifica como “culposo” o rompimento. Fala que ninguém precisava morrer, que a Samarco sabia que existia alguma coisa errada pela manhã, quando começaram os primeiros tremores: “A gente ouviu muita gente falar, sabe. A conversa correu e eles sabiam que algo estava acontecendo. Eles escolheram não nos avisar. Aquilo de que nos ligaram. Isso não aconteceu. As pessoas do Bento que avisaram as pessoas do Bento. Bento se salvou”.

Mariana -MG, 23 de dezembro de 2018, terça- feira, Casa de Efigênia II

O café daquele dia foi bem diferente e especial. Chegamos quase na hora do jantar com o intuito de esperar Aginaldo chegar do trabalho para conversarmos um pouco com ele, no entanto, Nado, chegou bem mais tarde e não conseguimos conversar tanto. Ficamos então papeando com dona Efigênia e Conceição.

Diferente das outras vezes, dona Efigênia estava mais receptiva e satisfeita de estarmos fazendo um livro sobre a família dela. Sentou conosco na mesa e, por enquanto que Conceição preparava um delicioso pudim e as crianças corriam pela casa, contou um pouco sobre a sua infância e a vida na roça. A lembranças às vezes se misturavam, ora ela falava do período em que era criança, ora da época que os filhos eram pequenos. Contou sobre como ajudava os pais com serviços braçais com a terra e animais, relatou sobre o casamento na Catedral da Sé e de como quase teve seu filho Luís roubado.

Depois do café, jantamos e logo fomos agraciadas com um pedaço de pudim. Quando perguntamos Conceição sobre a receita, gargalhadas acompanharam a resposta: “ A gente ganhou esse pano de prato da Samarco, aí nele vem escrito a receita. O que que resta fazer, né? Vamos fazer o pudim”!

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de desenvolvimento do livro-reportagem foi importante para que, a partir das entrevistas, fosse possível preservar os relatos referentes ao cotidiano da comunidade de Bento Rodrigues e também fazer da oralidade um registro histórico. Dentro dessa perspectiva, foi evidenciada a memória individual referente aos Gonçalves e Pereira perpassando pela memória coletiva de quem morava no subdistrito. Essa memória é vivenciada no dia-a-dia, através da lembrança de um cheiro, som, imaginação e dor, guardadas ou intencionalmente esquecidas. Para além, há também uma memória que de forma mais ampla nos localiza socialmente e historicamente, permitindo uma conscientização e uma reflexão acerca do mundo social, da história humana e principalmente de tragédias. O encobrimento de Bento Rodrigues e regiões afetadas foi considerado a maior tragédia socioambiental do Brasil e a quarta maior do mundo, seguindo o caráter mineratório.

Ter usado os encontros como fio condutor da narrativa foi enriquecedor. Como não havia uma pauta pré-definida, os temas se entrecruzaram espontaneamente dando prioridade ao fluxo de memória de cada personagem. Assim, detalhes e impressões tanto do dia em que a barragem de Fundão rompeu quanto de situações da infância e dos afetos interfamiliares foram identificados.

Nesse contexto, o contato com os personagens em um ambiente consensualmente mineiro, onde existe o hábito de convidar o outro, mesmo desconhecido para conhecer a casa e tomar o conhecido café, fez com que além de trazer o cotidiano de um família, também fosse apresentado no livro um costume regional. Dessa forma, o título “Uma nuvem se aproxima da janela” possui um caráter subjetivo e que faz referência a essa vivência. Como os capítulos abarcam temáticas diferentes, optou-se por essa estratégia para que houvesse uma unidade no produto. A referência à *nuvem* remete a água (mar de lama) e também a imprevisibilidade da formação da própria nuvem, que condiz com a chegada do rejeito inesperado. O complemento se aproxima da janela faz inferência ao mesmo hábito interiorano e mineiro de se “debruçar na janela”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGEE, James e EVANS, Walker. **Elogiemos os homens ilustres**. Trad. Caetano Waldrigues Galindo. São Paulo, Companhia das Letras, 2009.

ALLEN, Thomas B. **Exorcismo**. Darkside Books, 2017.

AMARAL, Ana Carolina Vieira do e BARBOSA, Karina Gomes. **Jornalismo, afetos e a cidade: afetivo de jornais impressos marianenses**. Intercom: XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, Salto- SP, 17 a 19 de junho de 2016.

BARBOSA, Karina Gomes e CARVALHO, André Luís. **Narrativas do trauma no jornalismo local**: Bento Rodrigues. COMPÓS, XXV Encontro Anual da Compós, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 7 a 10 de junho de 2016.

BAUMAN, Zygmunt e MAY, Tim. **Aprendendo a pensar com a Sociologia**. 2ª Edição, Rio de Janeiro, Zahac, 2010.

BRUM, Eliane. **O olho da rua**. Arquipélago. 2017.

DIEGUEZ, Consuelo. **A onda**: Uma reconstituição da tragédia de Mariana, o maior desastre ambiental do país. **Revista Piauí**. Ed.118, julho de 2016. Disponível em: <http://piaui.folha.uol.com.br/materia/a-onda-de-mariana/>. Acesso: 05 de dezembro de 2016.

FRANÇA, Vera e GUIMARÃES, César (Orgs.). **Na mídia, na rua**: narrativas do cotidiano. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

HELLER, Eva. **A psicologia das coisas**: como as cores afetam a emoção e a razão. GG, 2012.

HERSEY, John. Hiroshima. Tradutor: FEIST, Hildegard. Companhia das Letras: 2002.

IJUIM, Jorge Kanehide. **Humanização e desumanização no jornalismo: algumas saídas**. Intercom: XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Recife-PE, 2 a 6 de setembro de 2011.

Jornal LAMPIÃO, ano VI, Ed.21, janeiro de 2016. Disponível em https://issuu.com/jornallampiao/docs/lampiao_ed21_web>. Acesso em janeiro de 2016.

KOSSOY, Boris. **O relógio de Hiroshima**: reflexões sobre os diálogos e silêncios das imagens. Revista Brasileira de História, vol. 25, nº 49, de maio de 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v25n49/a03v2549.pdf>>. Acesso em 07 de outubro de 2016.

Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-2440-1.pdf>>, acesso em 14 de junho de 2017.

LUPTON, Ellen e PHILLIPS, Jennifer Cole. **Novos fundamentos do design**. Cosac Naify, 2006.

MORAES, Fabiana. **O nascimento de Joicy** - transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem. Arquipélago, 2015.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Trad.: KHOURY, Yara. In: Les Lieux de mémoire. I La République, Paris, Gallimard, 1984, p.XVIII-XLII. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763>>. Acesso em 03 de fevereiro de 2017.

PENA, Felipe Pena. **Teoria do jornalismo**, RJ: Contexto, 2005.

SANTOS, Gildásio Alves dos. **Memória, identidade e linguagem**: a comunidade quilombola do Quenta Sol. Tese (Doutorado). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, Vitória da Conquista - BA, 2013. Disponível em: <http://www.uesb.br/ppgcel/dissertacoes/2011/Dissertacao_Gildasio.pdf>. Acesso em: 13 de junho de 2016.

ROCHA, Paula Melani e XAVIER, Cintia. O livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico. **Rumores**. n°4, v.07, junho-dezembro de 2013. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/download/69434/72014>>. Acesso em 19 de novembro de 2017.

SANTOS, Jocimara Patrícia. **Memória e patrimônio cultural de Vitória**, ES: um estudo sobre as igrejas católicas do centro da cidade. Monografia (TCC). Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2014. Disponível em: <<http://www.geo.ufes.br/sites/geografia.ufes.br/files/field/anexo/Jocimara.pdf>>. Acesso em: 10 de junho de 2016.

SILVA, Karina Galli Fraga da e GOMES, Iclécia Rodrigues de Lima e. **O etnógrafo e o jornalista**: o olhar e a escuta como ferramentas de trabalho. Intercom: XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Recife - PE, 2 a 6 de setembro de 2011.

TÉTU, Jean-François. A informação local: espaço público local e suas mediações. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sergio D. (Org.) O jornal: da forma ao sentido. Brasília: Paralelo 15, 1997. p. 431-448.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do Jornalismo no Século XX**. São Leopoldo: Unisinos, 2002.

TOMAZ, Paulo Cesar. A preservação do patrimônio cultural e sua trajetória no Brasil. Universidade Presbiteriana Mackenzie. Revista Fênix. Ano VII. n°2. vol. Maringá: maio-agosto de 2010. Disponível em: <http://www.revistafenix.pro.br/PDF23/ARTIGO_8_PAULO_CESAR_TOMAZ_FENIX_MAIO_AGOSTO_2010.pdf>. Acesso em 11 de novembro de 2017.

Um ano. **Revista Curinga**, UFOP, ano VII, Ed.19, 04 de novembro de 2016. Disponível em: <https://issuu.com/revistacuringa/docs/curinga_ed.19_issuu.compressed>. Acesso em 04 de novembro de 2016.

VALENCIO, Norma; SIENA, Mariana; MARCHEZINI, Victor. **Abandonados nos desastres**: uma análise sociológica de dimensões objetivas e simbólicas de afetação de grupos sociais desabrigados e desalojados. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2011.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Ed.5, Lisboa: Presença, 1999.

_____. **Decreto do governo estadual viabiliza obras do Dique S4**. SAMARCO. 21 de setembro de 2016. Disponível em: <<http://www.samarco.com/2016/09/21/decreto-do-governo-estadual-viabiliza-obras-do-dique-s4/>>. Acesso em 21 de setembro de 2016.

_____. Eliane Brum e a arte da escuta. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 307-322, jan./jun. 2011.